

**SESSÃO DE DESENVOLVIMENTO RURAL, GEOGRAFIA E
ARQUITETURA E URBANISMO**

A TEORIA DOS POLOS DE DESENVOLVIMENTO E A GEOGRAFIA CRÍTICA NO BRASIL (PÓS-1964).

Ricardo Correia Campos Junior

Estudante do curso de graduação em Geografia

Bolsista PROBIC - FA

ricardo.correia@aluno.unila.edu.br

Dr. Breno Viotto Pedrosa

Professor Adjunto de Geografia

Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território

Orientador

breno.pedrosa@unila.edu.br

Resumo: Agradecemos à UNILA e a Fundação Araucária pela bolsa de iniciação científica concedida. “Plano” e “Planejamento”, sobre influência da URSS e sua aparente imunidade ao trauma da Grande Depressão (1929), tornaram-se palavras da moda na política no breve século XX (HOBBSAWM, 1995, p.100-101). Logo, esta pesquisa mostrou como a teoria dos polos de desenvolvimento – criada pelo pioneiro esquecido da teoria do desenvolvimento: o francês François Perroux (ROMO, 2008, p.11) – influenciou o campo do planejamento e desenvolvimento regional após o fim da Segunda Guerra Mundial. Mais especificamente, quando utilizada pragmaticamente para planejar o espaço do Terceiro Mundo (SANTOS, [1978]2014, p.170). Para tanto, revisamos bibliografias e revistas em que circulou a teoria (RBG e EURE). Mostramos, assim, que a organização espacial do Brasil pós-1964 através do planejamento capitalista (BOMFIM, 2014, p.16) resultou na aplicação das teorias de polarização espacial. Bem recepcionadas pelos planejadores do espaço: economistas e geógrafos, que passaram a trabalhar nas políticas territoriais (II PND), concomitante, com a consolidação duma tecnoestrutura estatal (IANNI, 1996, p.37) e, portanto, serão responsáveis por fornecer os estudos para planejar o desenvolvimento econômico e social da nação. Porém, não podemos esquecer que foram tempos extraordinários no contexto da América Latina. Quando, desafortunadamente, passamos décadas hostis dum Estado “BA” (O’DONNELL, [1976]1995, p.55), que centralizava as decisões referentes ao território. No caso brasileiro, esse novo ciclo de modernização autoritária ecoou as ideologias geográficas da racionalidade técnica do capitalismo (MORAES, 2005, p.139), necessárias a um país emergente como “potência” econômica. Então, o apelo neutral e cientificista da teoria dos polos (CORAGGIO, 1972, p.15) caiu como luva nas mãos autoritárias do governo dos generais. Assim, serviram de ideologia propulsora das relações dependentes do imperialismo e de suas multinacionais, espalhadas pelo mundo após 1945. Contudo, destacamos os elementos fundamentais do conceito de espaço econômico/abstrato perrouxiano e como este influenciou o método geográfico na reconsideração de suas categorias: região, regionalização e espaço geográfico. Embora, houve uma recepção acrítica da teoria, identificamos vozes dissonantes surgidas no mesmo tom, ou seja, advindas da geografia e economia. Destacamos o geógrafo brasileiro Milton Santos, cuja crítica foi direcionada às importações teóricas usadas para planejar o desenvolvimento do subdesenvolvimento.

Denunciava, com isso, o conteúdo aristocrático das teorias que cristalizam desigualdades regionais e de classe (SANTOS, [1980]2015, p.168). Portanto, imergirmos nas controvérsias das correntes do pensamento geográfico num período de importantes ebulições teóricas para a renovação da disciplina (CLAVAL, 2006, p.103-117; SANTOS, 2008, p.60). Com isso exposto, concluímos que os paradigmas da ciência geográfica ajudaram entender como ocorreu a aproximação com o marxismo e como se fortaleceu o movimento da Geografia Crítica (PEDROSA, 2012, p.141) no Brasil. Isso porque, tal corrente da geografia surgirá num contexto intrincado para explicar a formação econômica e social – socioespacial – do Brasil.

Palavras-chave: ESTADO, PLANEJAMENTO, ESPAÇO, MODERNIZAÇÕES, PENSAMENTO GEGRÁFICO.

BIBLIOGRAFIA DO RESUMO

BOMFIM, Paulo Roberto de Albuquerque. **Teoria e prática do planejamento regional no IBGE na década de 1960.** Terra Brasilis (Nova Série) [Online], 3 | 2014.

CLAVAL, Paul. **História da geografia.** Lisboa: Editora 70, 2006. 140 p. (Biblioteca, 25)

CORAGGIO, José Luis. **Hacia una revisión de la teoría de los polos de desarrollo.** Versão revisada do artigo de mesmo título publicado em: EURE, II, num. 4, 1972.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX 1914 - 1991.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598 p. (39ª reimpr). Tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli.

IANNI, Octávio. **Estado e planejamento econômico no Brasil.** 6. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. 316 p. (Retratos do Brasil, 83).

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil.** 5. ed. São Paulo: Annablume, 2005. 156 p.

O'DONNELL, Guillermo. El Estado Burocrático-Autoritario. In: **La Teoría Social Latinoamericana textos escojidos:** Tomo III La centralidad del marxismo. México, Df: Unam, 1995. Cap. 2. p. 55-79. Compiladores; Ruy Mauro Marini y Mágina Millán.

PEDROSA, Breno Viotto. **A Geografia Crítica brasileira e o debate sobre ontologia do espaço:** uma aproximação. Revista Geografares, nº11, p.139-168, Junho, 2012.

ROMO, H. G. **Francois Perroux: pionero olvidado de la economia del desarrollo.** Revista Mundo Siglo XXI. Volumen.3/n.11, 2008. <<http://www.mundosigloxxi.ciecas.ipn.mx/pdf/v03/11/02.pdf>>.

SANTOS, Milton. **Economia Espacial: Críticas e Alternativas.** 2. ed. São Paulo: Edusp, 2014. 204 p. (3ª reimpre). Tradução: Maria Irene de Q. F. Szmrecsányi.

_____. **Geografia, marxismo e subdesenvolvimento.** GEOUSP – Espaço e Tempo,



Ministério da Educação
Universidade Federal da Integração Latino-Americana
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
São Paulo, v. 19, n. 1, p. 166 – 172, 2015.

_____. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008. 284 p. (1ª reimpressão).